

BRASIL E PARAGUAI EM MEMÓRIAS DE MIGRANTES DE FRONTEIRA (SANTA HELENA – PR, 1970-2005)

Jiani Fernando Langaro

RESUMO

O trabalho tem por objetivo discutir trajetórias de brasileiros que se dirigiram para o leste do Paraguai e, posteriormente, retornaram ao Brasil, para o município fronteiro de Santa Helena – PR. Rotulados de “brasiguaios” ou simplesmente “paraguaios”, essas pessoas são rejeitadas e tratadas como se não tivessem direitos àquele lugar. Diante desse quadro, observa-se as narrativas desses migrantes, buscando entender como eles projetam o Paraguai como o “lugar de atraso” e o Brasil como “lugar de futuro”. Analisa-se os sentidos políticos e a forma ativa que essas narrativas e memórias expressam, tornando-se meios para afirmação política dessas pessoas e base para reivindicação de direitos.

PALAVRAS-CHAVE: história; narrativas orais; “brasiguaios”.

ABSTRACT

This research aims to examine the trajectory of Brazilians who went to Paraguay’s west and afterwards returned to Brazil, to the frontier town of Santa Helena – Paraná. This people are called “brasiguaios” or “paraguaios”, simply. They are rejected and treated like they didn’t have right to be in that place. Towards this fact, the immigrant’s narrative are analysed to understand how this people see Paraguay as a “backward place” and Brazil as a “future place”. It was analysed the politic sense and the active way in which this narratives and memoirs are expressed, become ways to their political assertion and base to their claims and rights.

KEYWORDS: história; narrativas orais; “brasiguaios”.

Neste trabalho, são abordadas algumas das questões analisadas em pesquisa de mestrado,¹ cujo objetivo principal foi discutir as *muitas memórias* em disputa no município de Santa Helena, oeste do Paraná. Trata-se de uma região agrícola, onde se desenvolve uma agricultura “moderna”, articulada à agroindústria e ao agronegócio internacional. O município localiza-se em fronteira fluvial com a República do Paraguai, tendo como marco fundador de sua sociedade a colonização planejada, desenvolvida em duas fases: a primeira na década de

Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Marechal Cândido Rondon; Mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU/MG); Doutorando em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) Campus Toledo. Coordenador do Núcleo de Ciências Humanas (NCH) da instituição em que trabalha. E-mail: jflangaro@yahoo.com.br.

¹ O presente artigo originou-se de pesquisa desenvolvida em nível de pós-graduação *strictu sensu* em História Social, realizada na Universidade Federal de Uberlândia (UFU/MG), sob orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida, financiada parcialmente com recursos do CNPq. A dissertação: LANGARO, Jiani Fernando. *Para além de pioneiros e forasteiros: outras histórias do Oeste do Paraná*. Uberlândia/MG: Dissertação (Mestrado), INHIS/UFU, 2006 sistematiza as discussões realizadas na pesquisa.

1920 e a segunda entre as décadas de 1950 e 1960. Essas versões do passado, largamente difundidas no espaço público, conferem aos migrantes vindos nesse período, oriundos de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, o *status* de “pioneiros” e “desbravadores”, ou seja, o caráter de construtores do lugar, os quais possuem mais direitos a ele que os demais.

A população atual do município é de aproximadamente 20 mil habitantes e grande parte reside na zona rural. A maioria dessa população é composta por migrantes – e não apenas os chamados de pioneiros – ou de pessoas que viveram algum tipo de mobilidade ao longo de suas vidas.

Atenta a esses elementos, a pesquisa desenvolvida no mestrado buscava as diferentes versões do passado existentes no local, observando como elas se articulavam no sentido de construir noções de direito e afirmações políticas de grupos sociais diversificados. Por meio das fontes orais como recurso, buscou-se abordar diferentes trajetórias de vida e entender as formas como as pessoas as compreendiam naquele presente.

Entre as pessoas abordadas na pesquisa, foram encontrados inúmeros brasileiros que, ao longo das décadas de 1970 e 1990, principalmente, deslocaram-se para o outro lado da fronteira. Muitos foram trabalhar na agricultura, não raro como pequenos proprietários rurais.

As décadas de 1990 e 2000, porém, assistiram a um considerável movimento de “retorno” dessas pessoas e de seus descendentes para o Brasil. As cidades de fronteira do oeste do Paraná, como Santa Helena, foram destinos comuns a essas pessoas. Tais movimentos não estiveram livres de tensões, pois apesar de ser uma sociedade de migrantes, as pessoas vindas do leste do Paraguai eram vistas de forma pejorativa, sendo chamadas de “brasiguaios” ou “paraguaios”. Considerados cidadãos de segunda categoria, muitas vezes foram compreendidos como não-portadores de direitos, entre estes, o direito ao próprio lugar.

É sobre as narrativas e memórias de duas pessoas, Paulo e Juarez, que viveram experiências de migrações transfronteiriças, e das formas como apresentam Brasil e Paraguai em suas memórias, que serão tratadas ao longo desse texto. Cabe frisar que as narrativas dessas pessoas são de fundamental importância para serem percebidas não apenas suas vivências passadas, mas também a gama de tensões que se desenvolvem nessa sociedade, em torno da suas presenças no lugar e de suas articulações com o campo de memórias em disputa.

Em relação às memórias e narrativas orais, as reflexões do crítico italiano Alessandro Portelli muito auxiliam a pensar tais questões. Conforme ele frisa, ao discutir seu conceito de *possibilidade*:

...a palavra-chave aqui é possibilidade. No plano textual a representatividade das fontes orais e das memórias se mede pela capacidade de abrir e delinear o campo das possibilidades expressivas. No plano dos conteúdos, mede-se não tanto pela reconstrução da experiência concreta, mas pelo delinear da esfera subjetiva da experiência imaginável: não tanto o que acontece materialmente com as pessoas, mas o que as pessoas sabem ou imaginam que possa suceder. E é o complexo horizonte das possibilidades o que constrói o âmbito de uma subjetividade socialmente compartilhada. (PORTELLI, 1996, p. 70).

As memórias e narrativas orais, apesar de serem individuais, descortinam elementos socialmente compartilhados, como tensões, conflitos, expectativas e conciliações. Esses componentes do horizonte de vida das pessoas são revelados por meio de uma dimensão subjetiva, ou seja, além de serem pontuados como constantes da vida do sujeito que narra, são apresentados da forma como eles foram vividos pelas pessoas. Por outro lado, é preciso ressaltar que não se encontrou junto a essas pessoas uma memória homogênea, oposta àquela da esfera pública, mas o intercruzamento de diferentes versões do passado, ordenadas a partir dos sentidos que os narradores conferem a elas.

Na realização desse trabalho, pode-se notar algumas das características apontadas por Khoury sobre a cultura popular:

Na compreensão de culturas populares, entendidas como espaços da diferença na experiência social vivida, a questão da censura é significativa, pela própria natureza das relações sociais e culturais vividas. Práticas e memórias populares obscurecidas à sombra de outras hegemônicas sofrem um processo de censura que se constitui, habitualmente, na impossibilidade de se reconhecerem ante a presença de outras mais poderosas. Descortinar modos de vida específicos requer, então, de nossa parte, o exercício constante de sondar como se forjam em relação com instituições, forças sociais e expressões culturais dominantes, com as quais estão intimamente imbricados. (KHOURY, 2004, p. 137).

As memórias das pessoas estão em constante movimento, assim como o seu *fazer-se* enquanto classe. Não possuindo contornos definidos a partir de conceitos objetivos, a cultura popular constantemente se refaz, inclusive incorporando e re-elaborando elementos dominantes. Assim, foi possível notar que não existia, em Santa Helena, uma memória popular que fosse organizada em um bloco, oposto àquelas versões do passado divulgadas pelos setores hegemônicos.

Seguindo nessa direção, a primeira trajetória que descartada é de Paulo, na época com 32 anos, construtor, nascido na região Oeste do Paraná, Linha Guarani, Distrito de Sub-Sede São Francisco, Município de Santa Helena. Aos nove anos de idade, sua família deixou a região para ir morar em Rebouças, no centro do estado do Paraná.

Em 1991, aos 19 anos de idade, mudou-se para o leste do Paraguai, a contragosto, segundo relata, pois seus irmãos – que administravam os negócios da família – compraram

uma área de terras nessa região, que faz fronteira com o oeste do Paraná, e Paulo foi designado para tomar conta da propriedade.

Sobre Vila Procópio, localidade do país vizinho onde foi morar, Paulo destaca que era um dos locais ocupados majoritariamente por brasileiros: “(...) a gente se sentia como se fosse aqui no Brasil porque... em matéria de pessoas, né, porque (...) só tinha brasileiro”. Sua narrativa sobre a vida nesse lugar, entretanto, é marcada pelas dificuldades ali vividas, mas não se referem ao contato com a cultura paraguaia ou o idioma local. Conforme relata, quando foi morar no outro lado da fronteira:

(...) se, abusasse um pouquinho cê passava fome. E aí, como não tinha dinheiro pra mim comprá chaleiras, né, eu peguei e abri umas lata de azeite, e coloquei um cabinho assim de... de araminho por cima, e a gente esquentava água naquela chaleira. E aí não tinha a panela pra cozinhar mandioca, que a... mandioca era a panela mais grande, a gente cozinjava, eu cozinjava dentro dum balde de alumínio (...), e aquelas panela, uma eu cozinjava feijão, a outra arroz, e a outra carne. (...) E ali a gente viveu um... o que mais ou menos uns... até a safra mais ou menos do outro ano, (...) o meu irmão mais velho morô um tempo junto, aí... [tosse] dividimo a metade, compremo uma chaleira, à meia. Então já deu uma melhoradinha. (...) Passado mais um tempo, a gente comprô mais umas panela e... aí depois passado um tempo ele.. ele se mudou daí, ele comprô um pedaço de terra, ele se deu bem (...). Quem sabe se, talvez se eu tivesse entrado com mais recurso também eu teria, ficado melhor. Mas a gente entrô com pouco, aí eu levei, esse colchão velho (...) nem bicicleta eu não levei, não levei nada, nada, e aí a gente, sofria porque, a primeira vilazinha pra comprá um... pacote de farinha ou... um pacote de açúcar ou sal, qualquer coisa que fosse, dava sete quilômetro longe da vila. (...)

Seu relato sobre o leste do Paraguai é pontuado por uma sucessão de dificuldades, como a falta de móveis e utensílios domésticos em sua casa, a ausência de energia elétrica, que o forçava a mudar hábitos alimentares, como salgar muito o feijão ou fazer charque² com a carne para que não estragassem. Destaca também que, em certa ocasião, os animais criados para o consumo doméstico, como as galinhas, foram devorados por gatos-do-mato, e até mesmo sua vaca teria morrido de febre aftosa quando sua ex-mulher ainda estava grávida.

Enquanto viveu no Paraguai, conviveu em vários momentos com seus irmãos, os quais iam para lá e ficavam certo tempo trabalhando com ele. Ao sair do país vizinho, já com sua ex-mulher e uma filha, o entrevistado relata que dois de seus irmãos ficaram em Vila Procópio. Eles teriam vendido a propriedade e não lhe pagaram o que deviam, tendo o entrevistado entrado em acordo com os irmãos somente anos depois. O irmão mais velho, no entanto, permanece lá até os dias atuais e é apresentado como alguém que “se deu bem”, pois teve melhores condições financeiras para investir em sua propriedade rural nesse país vizinho.

² Para não estragar, a carne é salgada e conservada em meio à banha animal.

Em contraposição ao Paraguai, o Oeste do Paraná é apresentado como o Brasil “moderno”, onde sua vida mudou da “água para o vinho” ao retornar. Transferir-se do leste do Paraguai para o oeste do Paraná significou para ele não apenas uma mudança no local de moradia, mas também nas suas maneiras de viver, conforme aponta: “(...) *aqui a gente tem... uma geladeira, se você que tomá água gelada, é... [tosse] você, é... tem luz elétrica, pode tê uma televisão, pode tê um... aparelho de som, né. E lá no Paraguai a gente não tinha nada disso (...)*”.

A soma de experiências negativas vividas no interior do Paraguai, possivelmente, influenciou na visão negativa que Paulo projeta sobre aquele lugar. Porém, existem outros fatores nessa questão que precisam ser considerados, pois nota-se que ele tenta criar uma argumentação no sentido de demonstrar o quão insuportável era a vida naquele lugar, tentando também demonstrar a necessidade de deixá-lo. Isso fica visível quando Paulo afirma que passou fome, um tema que é tabu para quase todas as pessoas que participaram da pesquisa. Em Rebouças, Paulo também viveu dificuldades semelhantes, sua ênfase, porém, encontra-se ao relatar a escassez de alimentos no leste do Paraguai, o que faz com riqueza de detalhes e de maneira enfática.

No intuito de explicar sua presença em Santa Helena, o entrevistado procura demonstrar a o quanto era intolerável viver em vila Procópio e como era necessário voltar para o Brasil. Seu relato dialoga com o preconceito que existe sobre os “brasiguaios” e reivindica seu direito ao lugar, fato que fica ainda mais claro quando se observa como Paulo relata a chegada de sua família à Santa Helena, destacando que eles vieram ainda no período de colonização, oriundos do Rio Grande do Sul. Sua memória, portanto, possui um sentido político de afirmar sua presença em Santa Helena e disputar espaços nessa sociedade.

Essa forma de narrar o tempo em que viveu no leste do Paraguai também é apresentada, mas de maneira mais incisiva, por Juarez, na época da entrevista com 27 anos, eletricista. Filho de sergipanos, o entrevistado nasceu no município de Matelândia, Oeste do Paraná. Ainda antes de completar um ano de idade, mudou-se com a família para o leste do Paraguai.

Entre as expectativas da família estavam a conquista de uma propriedade rural no outro país, onde tal empreendimento seria realizado com maior facilidade. Inicialmente, trabalharam na agricultura, também em vila Procópio. Posteriormente, sua família se mudou por diversas localidades daquele país, atuando também em atividades comerciais:

Oh, na verdade, assim o... meu pai (...) ele mudava de idéia com muita facilidade. É... por exemplo, assim, oh, a gente tinha um comércio... [em Vila Procópio] é... daí, antes da minha mãe vim pra cá, ele resolveu... parar, o comércio e resolveu mudar pra uma outra cidade, chamada Hernandárias, né, fica perto de Cidade de

Leste [Ciudad del Este]. (...) Daí fomos pra Hernandárias, chegamos lá ele [pausa] resolveu vender... pipoca na, na praça, comprou um carrinho, lá, e resolveu vender pipoca, daí viu que não dava, daí resolveu [pausa] ir pra Cidade de Leste vender frutas, lá, e... (...) daí viu que não estava dando certo, voltou de novo pra... pra esse mesmo [Vila] Procópio que a gente morava, onde a gente tinha esse... estabelecimento, voltou pra lá e daí foi quando meu irmão ficou doente. É... daí nessa época minha mãe veio tratar, tratar ele aqui, daí foi onde a gente, acabou... tendo a oportunidade de vim pro Brasil, eu sempre sonhava em vim morar pro Brasil. (...) A gente tinha (...) umas pessoas que ia pra lá, e... pra visitar uma mulher que tinha uma farmácia, a nossa vizinha, daí... ia o... os netos dela, assim, tinha mais ou menos uns seis anos de idade, eles já liam, já, nós pegava papelzinho de bala, mandava eles ler pra ver se eles... conseguiam ler, eles liam, a gente pegava, daí a gente ficava: “poa”, empolgado, né, “olha: desse tamanho sabe ler” e(...) a gente tinha de vim pro Brasil era mais por causa dessa, tentar... mudar, né. Não conhecia o asfalto, a [querendo rir] minha mãe quando veio pro Brasil, falava assim: “Ó, o asfalto é lisinho, o asfalto é, mesma coisa dum ferro de passar roupa”, porquê lá o ferro de passar é... ferro com brasa dentro, né. Assim, ó, assim, ó, vira o ferro, assim, a parte, lisa do ferro é igual o asfalto, [querendo rir] ela falava, “puxa, mas que coisa interessante”. Daí ela falava: “lá os carro anda super rápido no asfalto, tem que cuidar quando atravessa a rua”, daí a gente ficava com aquela curiosidade, né, de vim pra cá, tudo é novidade, e... até que... [risos] acabamos vindo aí..

Na passagem acima, nota-se que Juarez também projeta sobre o leste do Paraguai uma imagem de atraso. Esse elemento é muito perceptível quando afirma que somente conheceu o asfalto quando se mudou para Santa Helena. Ora, em sua vida no país vizinho, o entrevistado teve contato com vários centros urbanos, entre eles *Ciudad del Este*, a segunda maior cidade do país e um dos maiores polos turísticos de compras do mundo. É duvidoso o fato de ele não ter conhecido o asfalto nesse momento.

Esse elemento, entretanto, adicionado à alfabetização dos netos da vizinha, compõem o enredo de “desenvolvimento” que Juarez projeta sobre o Brasil, em contraposição à condição de analfabetismo em que ele e seus irmãos se encontravam. O Paraguai, por sua vez, é narrado a partir das dificuldades lá encontradas, principalmente o trabalho extenuante lá desenvolvido quando ainda era criança e adolescente:

É, a gente plantava hortelã. E... na verdade, assim, ó, o meu, meu pai sempre teve uma idéia, é... sempre teve vontade de tentar se isolar, sabe, (...) das modernidade, assim, sempre queria ir para um lugar mais isolado. Por isso que resolveram ir para o Paraguai.(...) A gente... é... plantava hortelã e daí você via uma terra lá, assim, você podia ir lá e... (...) limpar ela e podia plantar, né, tinha muita terra pra pouca gente. A gente mexia, com esse tipo de plantio, plantio de hortelã, e... eu e meus irmão, minhas irmã, a gente trabalhava, direto na lavoura, e... passamos por momentos lá difícil, assim, financeiramente, na alimentação, péssima, sabe, alimentação, assim, era terrível [pausa] a... me lembro que, a gente ia trabalhar, e daí minha mãe pegava... ia levar, alimentos pra, a hora do almoço, ela ia levar comida, e daí existia um... um, umas latas, lata de leite ninho, leite em pó, daí era, a comida da gente era, servida naquelas lata, lá. E daí, quando a gente ia almoçar, (...) a gente ia abrir aquilo lá, a gente via arroz, a gente ficava empolgado: “ô, tem arroz, não sei o quê, não sei o quê”, daí a gente comia um pouco, daí quando a gente via por baixo tinha milho, sabe, aqueles, pessoal lá... quebrava milho, assim, em pilão que eles falavam, socava e... daí lavava, saía aquela (...) capa, aquele

fare[lo], a capinha do milho e daí cozinava aquilo lá. E... daí a gente a... por isso que.. eu tenho mais dois irmão, que já... nasc[eram], vieram pro Brasil cuns... três anos de idade, e a estatura física dele, é bem maior do que a minha, né, porque... a alimentação deles é... melhor. Daí, na fase, que era pra mim se [me] desenvolver, que eu precisava de vitaminas pra se [me] desenvolver, a gente tava lá, trabalhando, se alimentando mal, né, morando mal, em casas... feita de... madeira, coberta com folha tipo de sapé, aquelas... cobertura, terrível, e... por isso que a gente não se desenvolveu, por exemplo, e daí... ficamo lá onze anos, onze, onze pra doze anos, nessa... nessa luta, aí.

O Paraguai, desse modo, aparece como o lugar do isolamento, refúgio de quem quer evitar o contato com a “modernidade”. É também local de degradação e alimentação de baixa qualidade, que levava as crianças a uma má formação física e a ter uma vida insalubre.

Essa imagem negativa do país vizinho é reafirmada em outro momento de sua entrevista, quando trata das pessoas com quem conviveu por lá. Frisa, então, que os paraguaios não gostavam de brasileiros, pois mesmo tratando-se de amigos, era necessário tomar cuidado com eles. Também projeta sobre as pessoas, portanto, um olhar pejorativo, ressaltando sua não-identificação com aquele lugar.

Juarez, assim como Paulo, apresenta suas memórias demonstrando como a vida era árdua e inviável no país vizinho. Em certos aspectos, seu depoimento se assemelha ao de Paulo, que era seu amigo e com quem seu irmão trabalhava. Isso indica que esse estilo de narrar a vida do outro lado da fronteira, contrapondo o Paraguai – como o lugar de “atraso” – ao Brasil – “lugar do progresso” e da “modernidade” – pode ser compartilhado por essas pessoas, sendo uma prática comum. Constantemente rememoradas e atualizadas nas conversas cotidianas e informais, essas versões acabam criando padrões sobre o que lembrar e como narrar a vida no outro país. Disso resulta o hábito de utilizar-se das lembranças negativas do Paraguai para afirmar a presença em Santa Helena.

No caso de Juarez, a necessidade de afirmar sua presença no Oeste do Paraná, lançando esse olhar pejorativo sobre o leste do Paraguai, pode ter sido ainda mais urgente ao ser observado como sua família viabilizou a mudança para Santa Helena, em fins da década de 1980:

(...) meu irmão, o Mauro, (...) ele ficou doente, ele tinha um problema de reumatismo. Daí... ele veio se tratar, aqui no Brasil e... na casa da Dona [omitido pelo autor], uma mulher que tinha uma farmácia no Paraguai. E a minha mãe sempre vinha ver ele, (...) Na época, tava fazendo o... o mutirão [conjunto habitacional],(...) o pessoal tava fazendo inscrição pra quem precisava, é... quem quisesse ter casas, né, e... só que essas casas só era dada pras pessoa que morava aqui no Brasil. Daí a dona [omitido pelo autor], que é uma mulher legal, falou pra minha mãe: “Ó, por quê que a senhora não faz a inscrição?”, daí minha mãe falou assim: “Não, não posso fazer porque eu... moro no Paraguai”, daí ela falou: “Não, vamos falar que a senhora mora na minha casa, lá, e... e... se eles precisar ver se a senhora realmente mora lá, a gente monta alguma coisa, fala que é sua a mudança” e daí fizeram assim, daí ela fez a inscrição, o pessoal foram lá, ver se ela morava no Brasil, fizeram uma vistoria, morava. (...)

Como pode-se depreender da narrativa do entrevistado, sua mãe acompanhava seu irmão mais velho, que estava na casa de amigos, no Brasil, para fazer tratamento médico contínuo.³ Contando com a solidariedade da amiga e ex-moradora de vila Procópio, a mãe de Juarez disputou uma casa no conjunto habitacional que ia ser construído em regime de mutirão em Santa Helena. Mesmo sem ter direito legal a esse benefício, de acordo com as normas que estabeleciam a distribuição das casas, ela improvisou meios para alcançar esse objetivo e realizar a expectativa de mudar-se do país vizinho.

O relato de Juarez prossegue, por sua vez, destacando que as dificuldades de sua vida não cessaram com a mudança, pois ao chegar à cidade, sua família se deparou com toda uma situação de pobreza e necessidade de improvisar a sobrevivência no novo destino.

Nesse momento, suas memórias se diferenciam sobremaneira da narrativa de Paulo. Enquanto este afirmava que sua vida “mudou da água para o vinho” ao cruzar a fronteira, os relatos de Juarez, no entanto, apontam para melhorias sem deixar de mencionar as duras condições de vida de sua adolescência na cidade nova.

É possível notar um duplo movimento nas memórias de Juarez. Um primeiro em que se enfatizam os aspectos negativos da vida no Paraguai, a fim de mostrar como era necessária a mudança para o Brasil, além de valer-se dos benefícios sociais públicos existentes nesse país. Um segundo em que demonstra as dificuldades do trabalho rural, apresentando-o como um conjunto de tarefas desumanizadoras que não traria um futuro promissor aos jovens.

Ambos se confluem, mostrando o porquê de Juarez não permanecer em uma região rural do país vizinho e suas razões em identificar-se com o urbano, procurando profissionalizar-se como eletricitista, atividade em que muito investiu: fez vários cursos e chegou a cursar nível superior na área, de maneira que a única atividade rural que não apresenta de forma negativa é o trabalho na chácara de um senhor, que arrumou o seu primeiro emprego em uma empresa de materiais elétricos.

Em um lugar que rejeita socialmente aqueles que provêm do outro lado da fronteira, mesmo que eles falem a mesma língua e tenham nascido no Brasil, e no qual rural e urbano são elementos dinamicamente em interação – e não em oposição – Juarez utiliza suas memórias para constituir-se como cidadão e, portanto, portador de direitos no lugar.

A pesquisa desenvolvida naquela oportunidade deparou-se com um sentido político expresso por meio das memórias existentes no local. Por um lado, existiam as versões do

³ No Leste do Paraguai o tratamento médico é mais restrito, os hospitais são situados, geralmente, em centros maiores não existindo, também, serviços de saúde públicos e gratuitos.

passado amplamente difundidas no espaço público, que faziam o elogio da colonização e afirmavam domínios no município, elegendo os “pioneiros” como construtores do lugar. Por outro lado, as lembranças das pessoas em geral expressam também sentidos de pertencimento e procuram firmar domínios.

Foi muito recorrente, nas entrevistas, relatos como os de Paulo, que enfatizavam as proximidades de sua trajetória ou de sua família com o ideal de colonizador projetado no espaço público, destacando a origem sulista e uma índole “honesta” e “trabalhadora”. Outros reproduziam elementos do “pioneirismo”, destacando o “desbravamento” da mata nativa, mesmo entre aqueles que chegaram ao lugar após a “colonização”.

As imagens de um Paraguai “atrasado”, “hostil” e de um Brasil como “lugar de futuro”, por sua vez, mais do que revelar a vida que esses migrantes levaram nesses locais, demonstra o caráter ativo de suas narrativas. Rebelar-se e resistir abertamente ao preconceito e à rejeição sofrida pode ser um caminho muito difícil para essas pessoas construírem seu espaço na sociedade local. Reafirmar preconceitos, sem questionar valores dominantes no lugar, tentar ocupar os lugares sociais que lhes são possíveis – o que por si já gera tensão – pode ser uma alternativa. É nesse sentido que o trabalho revela a memória como um componente ativo do social não sendo, de forma alguma, apenas registro “do que aconteceu”.

BIBLIOGRAFIA

KHOURY, Yara Aun. “Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história.” In: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d’Água, 2004.

PORTELLI, Alessandro. “A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais.” In: *Tempo*. Rio de Janeiro, UFF, v.1, n.º 2, pp. 59-72, 1996.

PORTELLI, Alessandro. “Dividindo o mundo: o som e o espaço na transição cultural.” In: *Projeto História*. São Paulo, PUC/SP, n.º 26, pp. 47-64, junho de 2003.

PORTELLI, Alessandro. “Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores.” In: *Projeto História*. São Paulo, PUC/SP, n.º 10, pp. 41-58, dezembro de 1993.

DEPOIMENTOS ORAIS

Paulo. 32 anos. Construtor. Nasceu em Santa Helena deixando a região por volta de 1982 e retornando na década de 1990. Entrevista realizada em 09/07/2004, sexta-feira à noite, na residência do entrevistado no Bairro São Luiz.

Juarez. 27 anos. Eletricista. Nascido na região, mudou-se ainda antes de completar um ano de idade para o Leste do Paraguai, local do qual retornou em 1990. Entrevista realizada em 11/07/2004, domingo à tarde, na residência do entrevistado, Conjunto Padre Martinho.